



O gigante de joelhos

Alexandre Santos

Comentário sobre o endividamento como forma de financiamento da prosperidade dos EUA.

Nestes últimos dias, ao tempo que, no front externo, a guisa de zelar pela saúde financeira internacional, os EUA têm se empenhado firmemente no esforço de conter a economia de países europeus, especialmente Portugal e Grécia que vêm recorrendo a déficits para custear despesas do governo, inclusive nas áreas sociais, no front interno, os norte-americanos lutam desesperadamente para elevar o teto de endividamento para, ampliando ainda mais o déficit do país, fugir da moratória e pagar a imensa dívida de curto prazo contraída mundo afora. Apesar de despercebida à maioria, esta dicotomia confirma a esquizofrenia que rege a economia internacional desde o final da II Grande Guerra, quando o Acordo de Bretton Woods alçou o dólar à condição de moeda mundial em autorização implícita à emissão desenfreada pelos EUA. Desde então, com menor ou maior intensidade, os governos norte-americanos vêm lançando mão da emissão a descoberto para inundar o planeta de dólares sem lastro.

Esta é uma prática recorrente nos EUA. Vale lembrar que, há dois anos, como 'solução' para a grave crise de confiança instalada pela descoberta de que os títulos dos bancos norte-americanos não contavam com garantias reais, o governo dos EUA injetaram cerca de US\$ 800 bilhões no mercado. Acontece que, a exemplo dos papéis suspeitos, os dólares aplicados pela Casa Branca também não tinham cobertura real. De fato, poucos atentaram, mas a mesma lei que permitiu a emissão extraordinária também autorizou a emissão títulos da dívida pública norte-americana em igual valor. Ou seja, para enfrentar uma crise provocada pela descoberta de papéis sem fundos, os EUA usaram dólares igualmente sem fundos. Assim, em verdade, ao invés de superada, aquela crise de confiança foi adiada até o momento em que mercado coloque em cheque a substância do próprio dólar.

Este momento esteve prestes a acontecer em agosto de 2011.

Foi assim: vivendo a opulência daqueles que, sem problema, podem emitir dinheiro a vontade, os EUA vêm esbanjando muito dinheiro (imagine a farra que não seria se, ao invés de só poder gastar o fruto do nosso trabalho, pudéssemos emitir dinheiro sempre que quiséssemos). Bilhões e bilhões para isto, bilhões e bilhões para aquilo. A ganância foi tão grande que, em 16 de maio, com dívida acumulada de US\$ 14,3 trilhões (segundo o FMI, de 2007 a 2011, a dívida bruta do governo dos EUA saltou de 62% para 99,5% do PIB e, chegará em 112% do PIB em 2016), o limite de endividamento estipulado pelo Capitólio foi atingido. Com a guitarra travada, impedida de emitir novos papéis e de fabricar novos dólares, os EUA se viram diante da moratória. Se não voltassem a emitir novos dólares, a partir de 02 de agosto passariam a aplicar o calote nos proprietários de Títulos do Tesouro e,

para conter os credores, precisariam recorrer ao Pentágono. Em cenário surpreendente, embora mantendo o tradicional AAA, a famosa agência de classificação de risco de crédito Standard & Poor's colocou a nota dos EUA em "perspectiva negativa". Que vergonha!

Mas, a débâcle foi adiada. Na noite de 31 de julho, a pouco mais de 48 horas do prazo fatal, democratas e republicanos se entenderam e chegaram a um acordo para elevar, mais uma vez, o teto da dívida dos EUA. Aliviado, o Tesouro norte-americano azeitou a guitarra e voltou a emitir os dólares necessários aos pagamentos. Agora, no entanto, meio ressabiados, os credores começaram a estranhar o porque das cédulas estarem sempre tão novas e ainda com cheiro de tinta fresca. De sua parte, aliviados, os EUA recrudesceram a campanha contra os países que, sem atentar para as regras da prudência econômica, não zelam pelo equilíbrio fiscal, comercial e orçamentário.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco.

Publicado em 09 de agosto de 2011, pelo Diário de Pernambuco.
http://www.diariodepernambuco.com.br/2011/08/09/colunas6_0.asp